



Gusmão

Junho de 2020

Tem uma linha traçada no chão

Por Veridiana Domingos

Esse texto não foi escrito por causa do George Floyd. Seu país e o mundo têm feito bastante para tentar honrar sua imagem — ainda que nada disso seja suficiente para trazê-lo de volta e superar a situação estrutural que causou sua morte.

Foi escrito para lembrarmos de João, Antônio, José, Daniel, Aline, Jéssica, Maria e cada pret@/negr@ que morre a cada 16h em São Paulo pelas armas da Política Militar. Pelos 118 pret@s/negr@s mortos por homicídio por dia no Brasil. CENTO E DEZOITO.

Isso se chama genocídio negro. Extermínio deliberado de algum grupo étnico. E, muito possivelmente, esses pret@s/negr@s são assassinados por outros pret@s/negr@s. É uma "máquina perfeita" de preto/negro matando preto/negro. E o brancos nem precisam "sujar" suas mãos nesse genocídio. Eles estão assistindo de camarote e corroborando essa situação a partir de seus privilégios brancos. Não tenho lugar de fala para ir muito além disso. Posso falar dos meus privilégios brancos, no entanto.

Sei que você vai dizer que não é racista. Afinal, não é preconceituoso, não incentiva preconceito, ensina seus filhos a não terem preconceito. Seria isso suficiente? O fim do racismo se dá pelo fim do preconceito, apenas? Racismo é uma situação estrutural em que há pessoas sendo privilegiadas em detrimento de outras. Se há racismo é porque há privilégios brancos. Talvez isso não seja algo muito importante na sua vida simplesmente pelo fato de que você nunca foi perseguido em uma loja; nunca teve que sair com o cabelo arrumado para que não pensem que você é "desleixado" por medo de ser parado pela polícia; nunca entrou em uma loja e não encontrou a base com a cor da sua pele; nunca ninguém apertou o passo na rua escura quando te viu; nunca se preocupou em ser preso em uma blitz policial; nunca foi confundida com a babá, empregada ou lojista.

Sei que você acha ser suficiente não ser preconceituoso, mas hoje, já não podemos nos privar de ficar apenas em silêncio. O silêncio não é mais aceitável. Você não pode mais se dar ao luxo de se afastar da discussão sobre o racismo quando ela fica desconfortável demais.

Há uma linha traçada no chão. O silêncio, que é uma maneira de não arriscar seus privilégios, te coloca do outro lado da linha. Ser contra o racismo não é ser neutro, é ser ANTI RACISTA. Você não sabe por onde começar? Aí vão algumas sugestões (envie-nos outras):

1. Pergunte a um/a pret@/negr@ como ser anti racista.
2. Olhe ao seu redor, no seu trabalho, e veja se há pret@s/negr@s. Não há? Contrate pret@s/negr@s. Exija que o RH contrate.
3. Lute por cotas raciais em sua universidade. Não só na graduação, mas também na Pós Graduação.
4. Não aceite que sua babá tenha que se vestir de branco para entrar no seu clube.

5. Exija que a escola do seu filho implemente a lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio.
6. Leia Bintu, Nove Pentas da África, Amoras, Bucala e tantos outros livros infantis para seu filho.
7. Compre e apoie negócios de pret@s/negr@s.
8. Vote em pret@s/negr@s.
9. Reveja seus privilégios brancos. O tempo todo a todo momento. Converse com seus amigos sobre isso.

nota: há uma ampla discussão sobre a denominação pret@ ou negr@. Muito se questiona sobre a denominação "negro" já que a etimologia da palavra remonta à ideia de "inimigo". Nada disso é tão relevante quanto a discussão sobre o racismo. Ambos os termos carregam as pechas da instituição escravista e das políticas racistas que marcaram a trajetória de exclusão dos afrodescendentes no Brasil. Deixamos, portanto, ambas as nomenclaturas, já que há várias formas por meio das quais negr@s e pret@s se identificam no Brasil.

